

## 1. Luís Gregório

Vestido de castanho, Luís Gregório dirigiu-se à loja. Pediu delicadamente que lhe fizessem duas chaves iguais à que trazia na mão. Duas chaves pequenas. Esperou de pé. Mexia os dedos como se tocasse piano. De vez em quando acariciava a orelha.

— Não temos o molde, senhor Gregório, disse Verónica.

Disse-o de uma forma inconclusiva, quase de desprezo, enquanto mexia no mostruário, um velho *placard* preso numa parede lateral em filas simétricas. Ela vestia um avental branco como o dos oculistas e usava, de facto, uns óculos pequenos e excessivamente graduados.

— Passe por cá amanhã. Não sei se terei o molde, mas passe na mesma.

Luís Gregório desapareceu de costas. Não sentira nada ao ouvir a mulher, e nada do que ela disse lhe pareceu estranho. Mas saiu devagar, como se coxearse e não quisesse que reparassem nele. Andou pelo passeio, ouvindo a chuva e os gatos. De vez em quando apalpava a chave para sentir a serrilha na ponta dos dedos. Depois, agarrava-a com força dentro da mão, tentando suportar a dor, quase até fazer sangue. A sua gabardina devia ser a mais coçada do bairro. Comprara-a em Toulouse durante uma viagem organizada pela associação dos pequenos comerciantes. Talvez por isso o olhassem com ódio. Fora a única vez que participara numa iniciativa desse tipo. Ainda a mulher das

chaves não usava óculos, nem o marido sequer pensava que a haveria de trocar por uma cabo-verdiana. Outras vezes pensava que o observavam não por causa da gabardina, mas devido à cor das sobancelhas, escuras, pretas mesmo. Tão negras que podiam julgar que não lhe pertenciam.

Foi um dia terrível aquele. Escorregou à entrada de uma pastelaria que acabava de ser inaugurada e na queda arrastou outros dois clientes. Um deles carregava um *dossier* cheio de folhas de contabilidade. Enquanto as apanhava, ia dizendo que não tinha importância porque eram fotocópias.

— Não precisa de pedir desculpa, sei que não foi de propósito — disse ele. Mas via-se espelhada no seu rosto uma tamanha ferocidade que o fez estremecer. Tremiam-lhe os lábios e os seus olhos dilataram-se, enchendo-se de água. Era certamente uma grande vergonha o que sentia naquele momento. Os empregados correram para fora do balcão, mas já o cliente se havia escapado para a rua. Luís Gregório ficou estonteado, a queixar-se de um pé. O dono da pastelaria surgiu, entretanto, com um pano de água quente para lhe limpar o sangue da testa.

— Magoou o sobrolho, acho melhor ir desinfetar isso à farmácia.

Era um mau presságio que a pastelaria fosse inaugurada com um acidente daquele tipo. Luís sabia-o, porque uma ocorrência semelhante tinha acontecido com um amigo em Coimbra e a pastelaria fechou três meses depois. Era, aliás, visível esse medo pela cara zangada do dono, um antigo empregado de uma leitaria do mesmo bairro que decidira trabalhar por conta própria. Lembrava-se bem de Luís Gregório visto que tinha estado também em Toulouse naquela célebre excursão de que toda a gente falava. Havia até pessoas que só o conheciam como aquele rapaz da excursão, o tal que se perdeu e os fez estar quatro horas à espera em frente da basílica.

Foi uma história que nunca mais ninguém esqueceu porque, quando Luís Gregório apareceu, trazia apenas vestidas as cuecas e uma *T-shirt*. Tinha sido roubado no banco de um jardim quando se entretinha a ver os pombos regatearem miolo de pão.

Não havia pombos no seu bairro, nem jardins, esquecera-se das horas. Foi a explicação que deu. Ninguém quis acreditar. Ora, se existia um empedrado com três bancos e duas palmeiras que serviam optimamente para se passar a tarde e jogar às cartas, porque afirmava ele com aquela convicção que não havia um jardim no bairro. Durante a viagem de regresso, todos o olharam com um ar depreciativo. Quatro horas perdidas numa excursão daquelas que custara tanto a ganhar aos pequenos comerciantes, era um pecado que dificilmente poderia ser perdoado. Quantas daquelas pessoas voltariam um dia a Toulouse?

Isto passara-se há mais de dez anos e sete desses excursionistas tinham já morrido. Mas o cliente que ele sem querer empurrara na pastelaria ainda estava vivo e pronto para o punir na primeira oportunidade. Por que impulso Luís fora levado a entrar ali naquele dia nunca o poderia saber, mas ao pensar nisso em casa, à noite, descobriu que só havia uma explicação. Lembra-ra-se de que aquela mesma pessoa o tinha interpelado em Toulouse a propósito do seu atraso e fora ele que iniciara o riso colectivo da excursão quando o viram aparecer com as cuecas sujas, branco, quase a desmaiar. Ele mesmo, o cliente da pastelaria que agora era contabilista numa pequena empresa de malas de senhora.

No dia seguinte saiu com um fato verde e voltou à loja.

— Queria duas chaves iguais a esta — pediu.

A mulher olhou para a chave com uma lupa. Notava-se bem que não desejava aviá-lo. Queria vê-lo sofrer, ouvi-lo a rogar para que ela lhe fizesse a chave ou a pedir-lhe perdão pelas horas que ele a fizera esperar em Toulouse. Por causa disso, contou ela a toda a gente, não conseguira visitar um primo que vivia em Les Jumeaux, uma terra que ficava a 23 quilómetros do centro da cidade. Era uma aldeia com uma agro-pecuária das melhores de França, tinha-lhe dito o primo, uma obra que ele ajudara a construir e onde tinha perdido um dedo. O motorista prometera parar lá um quarto de hora, só para os cumprimentos, já que a estrada ficava em caminho, mas não se lembrou mais da promessa, furioso que ficou com o que se passara em Tou-

louse. Verónica tinha-lhe dado mil escudos para que tudo corresse bem, mas não teve coragem de os pedir.

Ela fingiu que Gregório já ali não estava. Ligou o rádio e escondeu-se atrás de uma estante. Ele reparou que a parede mostrava séries multicores de porta-chaves, navalhas e trincos. Todos os objectos tinham preço afixado e um número de código. Em cima do balcão, um alarme começou a tocar. Tocou até ao fim. Na rádio passava, como se fosse de propósito, uma canção falada em francês. Verónica veio a correr encostar-se ao aparelho. Abanou a cabeça com impaciência, sem olhar para ele.

— Ainda não temos o molde, passe cá amanhã.

Luís Gregório desapareceu. Levava nas costas um anúncio com uma morada: Dou Explicações de Francês e Matemática. Encontrara esta solução depois de ter percorrido todas as lojas do bairro. Ninguém tinha querido colocar o anúncio na montra. Chegou a queixar-se a uma porteira que fazia limpeza na rua onde vivia. Costumava encontrá-la a esfregar o passeio em frente de uma firma de electrodomésticos. Usava umas luvas cor de laranja e tinha um pano pendurado ao ombro. Ela cumprimentava-o com delicadeza como se lhe devesse favores. Era a única pessoa que se lhe dirigia olhando-o nos olhos.

— Como está o senhor Gregório?

Ou então: — Já há alguns dias que não o vejo, senhor Gregório!

Talvez porque ele vivesse sozinho ou porque nunca o tivesse visto com uma mulher, dona Aurora perguntava-lhe sempre se não era preciso alguma coisa. Luís Gregório nunca teve coragem de lhe pedir para que fosse a sua casa fazer limpeza. Ainda por cima, ela vivia no mesmo prédio de Verónica e isso poderia ser um factor de conversa. Sobretudo quando dona Aurora visse com os seus próprios olhos que ele tinha em casa uma boneca insuflável. Ninguém reparara no embrulho que ele trazia debaixo do braço, nesse dia, em Toulouse. Toda a gente lhe olhou para as cuecas e devem ter pensado que dentro do saco de plástico ele traria *posters*, mapas e batatas fritas, mas nunca uma boneca que havia comprado horas antes. Era tanta a sua atrapalhação e

a vergonha que iria sentir se descobrissem que ele comprara uma boneca que teve que inventar aquela história do assalto. Na realidade tinha atirado com a roupa para dentro de um contentor e começara a correr em direcção ao autocarro, antes que a polícia o visse naquele estado. Ficara sem as suas melhores calças e uma camisola que uma tia lhe dera, mas ganhara uma companhia para sempre. Não fazia sentido, por isso, correr agora o risco de a perder, contratando dona Aurora para empregada. Ia-se desculpando como podia, quase sempre fazendo-lhe notar que estava desempregado, à espera de que algum estudante o procurasse para explicações de matemática.

Dois dias depois, Luís Gregório surgiu com um casaco preto e umas calças amarelas. Rapara o cabelo. Trazia um alfinete-de-dama na camisa, junto à garganta. A tiracolo transportava uma guitarra portuguesa. Talvez deste modo alguém se metesse com ele e lhe perguntasse se tocava nalgum conjunto ou se andaria a estudar música no conservatório. Ninguém anda na rua com uma guitarra que não seja para ir tocar. Dá um ar de talento a quem a traz, basta fazer a cara séria de quem anda a compor uma partitura, sem sequer notar que uma velha foi atropelada mesmo à sua frente. Fora uma coisa do género que acontecera nesse dia. Toda a gente falava do assunto. Um homem cuja identidade ainda não se sabia acabava de cair de um quarto andar e morrera instantaneamente. Havia dúvidas sobre a sua morte. Uns diziam que fora suicídio, outros adiantavam que não, que ninguém se suicida hoje em dia atirando-se de um quarto andar. Houve até quem dissesse que o homem havia caído após ter sido acometido por um ataque de asma.

Luís escutou tudo isto, mas fez semblante de nada ouvir, como se se tivesse concentrado a conceber a partitura. Era a sua maneira de se sentir igual aos grandes génios da música. E outra coisa que não sabia explicar era que, sempre que saía com a guitarra, algo de trágico acontecia. Mas nunca nenhum dos excursionistas que ele via passar na rua ou surgiam à porta das lojas para comentar os pequenos casos de polícia, fizera a ligação entre os acontecimentos e a guitarra.